REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO—VOLUME VIII—N.º 230

11 DE MAIO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

É uma chronica triste a d'estes ultimos dez dias.

A necrologia tem fatalmente de occupar a maior parte d'ella; os acontecimentos que avultaram n'esses dias foram mortes de pessoas conhecidas, o desapparecimento de muitas individualidades sympathicas, e que tiveram na nossa sociedade o seu momento d'evidencia.

Um d'esses mortos foi o sr. D. Saturnino Alvarez Bugallal, ministro de Hespanha em Lisboa.

O sr. Bugallal era um dos diplomatas hespanhoes que n'estes ultimos annos mais sympathias soube grangear em Lisboa.

Homem de grande merecimento, orador distinctissimo, politico dos mais notaveis do reino visinho, o sr. Bugallal deveu a popularidade e a estima que conquistou em Lisboa principalmente á bonhomia do seu caracter, á simplicidade do seu trato, á ausencia completa de *pose*, de enfatuamento diplomatico, que o tornava accessivel a toda a gente e a toda a gente sympathico.

Franco, lhano, de uma delicadeza excessiva, Bugallal insinuava-se no espirito de todos que com elle trataram, mesmo muito superficialmente, e a sua morte foi sentida em Lisboa, profundamente, como talvez não o fosse a de nenhum outro diplomata.

Nós mesmo, que escrevemos estas linhas nunca falámos com o ministro de Hespanha senão uma unica vez, e foi isso o bastante para ficarmos sympathisando com elle e para nos maguar deveras a sua inesperada morte.

Quando o sr. Bugallal veiu para Lisboa occupar o alto cargo em que falleceu, o OCCIDENTE publicou o retrato de s. ex.ª acompanhado de umas rapidas notas biographicas, o que nos escusa de repetir aqui esses apontamentos da sua biographia.

Era um homem novo ainda, cheio de vida, forte, robusto, casado com uma formosa e gentil senhora, que tem todas as razões hoje para odiar o nosso paiz.

Foi com repugnancia profunda, contaram-nos, que a esposa do sr. Bugallal viu seu marido acceitar a nomeação de ministro em Lisboa, e esperando sempre uma transferencia ficou em Hespanha, e não veiu logo com seu marido.

Ha pouco tempo o sr. Bugallal foi buscal-a a Madrid porque contava demorar-se aqui, e sua esposa então, venceu as suas repugnancias e veiu.

E não era sem motivo, e sem motivo forte que a esposa do illustre diplomata hespanhol não queria vir a Portugal.

Estivera aqui ha annos com seu marido e sua filha, no nosso formoso Minho, em viagem de recreio.

A fatalidade transformou essa viagem de recreio em viagem de luto.

O ALMIRANTE SARTORIUS, CONDE DE PENHA FIRME — FALLECIDO EM LONDRES A 17 DE ABRIL DE 1885

Sua querida filha morreu em Braga, cremos, e a extremosa mãe que tão alegremente emprehendera a viagem a Portugal, voltou para a sua terra com o coração dilacerado pelo maior das dores — a da perda da sua filha.

Era por isso que a ella lhe repugnava voltar a Portugal.

Voltou e para perder cá o seu estremecido marido! Portugal tem sido fatal para ella, pobre senhora!

A morte do sr. D. Saturnino Bugallal foi a apoplexia.

No mesmo dia em que a congestão o prostrou para sempre, tinhamol-o visto ainda na rua do Ouro.

Á tarde surprehendeu-nos tristemente a noticia de que estava á morte o ministro de Hespanha.

Corremos logo ao hotel Matta e então ahi foinos certificada a lugubre noticia.

Estando no *hotel* a conversar com o sr. Breton y Vedra, sentiu-se de repente incommodado e dizendo para o sr. Vedra:

— Estou muito mal — cahiu para o lado, sem sentidos.

Chamados immediatamente os medicos, contastaram uma congestão cerebral, que tiveram ao principio esperanças de vencer.

Essas esperanças desvaneceram-se em breve: a doença não obedeceu aos remedios energicos que se lhe applicaram, d'alli a dois dias o ministro de Hespanha entrava n'uma agonia que durou mais de vinte e quatro horas...

O hotel Matta desde que constou a doença do sr. Bugallal até á sua morte esteve sempre cheio de gente que procurava com anciedade noticias do illustre enfermo.

O seu enterro foi enormemente concorrido, por todas as ruas do transito a multidão apinhada olhava com tristeza para o caixão coberto de coroas saudosas, onde ia o cadaver d'aquelle sympathico homem, que a morte arrebatou em plena nomeada á gloria do seu paiz, e ao amor de sua esposa.

Ao mesmo tempo

que o ministro de Hespanha exhalava o ultimo suspiro, desapparecia do mundo tambem um homem honradissimo, muito estimado na alta sociedade de Lisboa, o abastado capitalista o sr. Ulrich, que deixou aos seus filhos, uma riqueza colossal e um nome querido de toda a gente.

E quasi ao mesmo tempo finava-se um jurisconsulto notavel, apparentado tambem com familias das mais illustres de Lisboa, — o sr. conselheiro Diogo Forjaz; e d'alli a horas morria o sr. Henrique Stephen de Wild, professor do instituto agricola e cunhado do nosso bom amigo e confrade o sr. Pedro Corrêa.

E n'esta lufa lufa de fugir para o tumulo, foi tambem um homem que teve em Lisboa certa celebridade, o sr. José Maria Pereira Rodrigues, conhecido pelo Tanas lyrico, que em tempo fôra deputado, jornalista e critico musical, d'onde deriva a segunda parte da sua alcunha.

O sr. Pereira Rodrigues andava de ha muito retirado da vida publica e litteraria. Uma doença demorada e terrivel mettera-se-lhe no corpo, e elle conhecendo o seu estado, afastou-se das festas, dos divertimentos e pôz-se em casa á espera que a morte inevitavel o fosse buscar.

A morte finalmente foi e elle sentiu-a aproximar-se com tanta consciencia, que escreveu com o seu proprio punho, os annuncios para os jornaes em que sua esposa devia participar o seu fallecimento.

Este pormenor é dolorosissimo, mostra quanto soffreria aquelle pobre espirito proximo a apagar-se e sabendo-o, e sua estremosa esposa ao assistir a essa lugubre preparação do funeral feita por aquelle proprio, que ia sumir-se para sempre no tumulo!

E ainda á ultima hora nos chega a noticia d'um outro morto conhecido, o dr. Albino Benevides que foi medico da Misericordia, e que teve certa fama em Lisboa.

Paz á memoria de todos esses pobres mortos!

Agora é justo, é necessario, é saudavel mesmo que mudemos de assumpto e que busquemos as novidades alegres da semana.

Uma d'essas novidades foram as esgrimistas viennenses.

Ainda bem que vieram, primeiro porque são umas raparigas graciosas, que se podem ver com agrado e cujos trabalhos tem um certo brilho, uma certa novidade que os tornam supportaveis por alguns quartos d'hora; segundo, ainda bem que vieram, porque estavamos já fartos de ouvir todos os dias falar nas esgrimistas viennenses, que vinham, que não vinham, e que se iam já tornando n'uma *scie*.

A outra novidade alegre foi o prestidigitador Hermann no theatro de S. Carlos.

O Hermann d'hoje é irmão do Hermann da outra vez, e tendo d'elle o appellido tem egualmente a rara presteza de escamoteador, que o tornaram celebre no mundo.

O Hermann que está actualmente em Portugal é um prestidigitador assombroso, mas os seus trabalhos ganham muito mais vistos ao pé, n'uma sala pequena, do que n'um theatro grande como o de S. Carlos.

A grande qualidade extraordinaria de Hermann é a rapidez com que escamotea as coisas, a nitidez com que faz as suas sortes de modo que mesmo junto d'elle, não deixando um momento de lhe olhar para as mãos, não se percebe inteiramente nada das suas empalmações nem por ellas se dá.

Uma das sortes de mais effeito de Hermann e que elle nunca fez parece-nos, no theatro de S. Carlos, mas que fez perante el-rei D. Luiz, é a dos charutos.

Hermann abre a charuteira para offerecer charutos: — não tem senão um.

Pega n'esse charuto e diz qualquer coisa parecida com isto:

— Só um; mas havemos fumar ambos: parte-se ao meio.

E ao pé dos nossos olhos parte o charuto ao meio.

Depois começa a desfolhar a metade do charuto, e de repente d'essa metade apparece um charuto inteiro, e depois outro, outro, e tantos quantos precisa para offerecer ás pessoas que assistem a esta sorte.

Ha dias n'um barbeiro, Hermann fez tambem uma *partida* excellente.

Entrou para fazer a barba. A loja estava cheia de freguezes.

— Olhe, então faça favor, diz Hermann, de me emprestar d'ahi uma navalha, para eu fazer a barba a mim, porque estou com muita pressa. Com licença.

E pegando na navalha começou a fazer a barba defronte do espelho, muito rapidamente.

De repente soltou um grito agudo:

— Ai!

E levou a mão ao pescoço.

O sangue corria-lhe a jorros.

— Cortou-se? perguntaram todos assustados.

— Foi um golpe... explicou elle atrapalhado, custando lhe a falar.

E o sangue sempre a correr n'uma grande abundancia.

Correram todos a soccorrel-o, foram chamar-lhe um trem para o levar a uma botica, porque muita gente receiava que o golpe tivesse apanhado alguma veia importante, outros foram chamar policia, uma barafunda enorme.

E quando o trem chegou para levar o Hermann ao hospital, estava elle muito limpo, muito sereno, atando o nó da sua gravata, sem a mais ligeira beliscadura no pescoço...

Hermann não é um prestidigitador, é um vivo demonio, e agora que elle vae fazer a sua *tournée* pela provincia, será bom que se acautele com a sua prestidigitação, porque se vae fazer das suas *partidas* para alguma d'essas povoações simplorias, é capaz de ser desancado pelos ingenuos como sendo um enviado do velho Satanaz.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

O ALMIRANTE SARTORIUS, CONDE DE PENHA FIRME

Teem sido diversamente apreciados e julgados os actos d'este valente marinheiro inglez, que serviu a causa liberal no nosso paiz.

Não seremos nós que n'este momento, lançaremos o nosso voto, pouco importante, n'esse pleito, que só mais tarde será findo.

Que Sartorius prestou serviços ao partido constitucional, e portanto á causa da legitima soberania nacional, é incontestavel; se podiam estes ter sido mais proficuos, se nem sempre elle obrou como devia, ou como havia direito de se esperar d'elle *dicant paduani*.

Jorge Rose Sartorius nasceu a 9 de agosto de 1790; em devido tempo entrou na armada ingleza, e depois de muitos serviços em varias partes do globo, era capitão de mar e guerra e achava-se na Inglaterra em 1831, quando se resolveu que D. Pedro viesse tomar conta do governo nos Açores, já então todo reduzido á sua obediencia.

Não havia marinha, porque a esquadra estava toda, de vontade ou sem ella, com o governo de D. Miguel, foi necessario fretar navios, e Sartorius offereceu-se não só para tratar d'esse fretamento, mas para commandar a expedição. Depois de varias contrariedades, tendo sido até uma das fragatas algum tempo embargada, partiram para Belle Isle, onde os navios, que eram mercantes, armaram em guerra, e organisada a expedição, largou para os Açores, sendo Sartorius elevado a vice-almirante, e levando hasteado o signal de commando.

Era pequena a esquadrilha e não lhe faltava receio de se encontrar com a, relativamente, forte esquadra miguelista.

Chegada felizmente aos Açores houve depois a idéa de mandar Sartorius á Madeira, mas as forças com que partiu eram tão diminutas, foi tão mal pensado esse projecto, que a ilha se não rendeu e apenas se occupou Porto Santo.

Organisou-se então a grande expedição de quarenta vellas de transporte que veiu conduzir o pequeno exercito liberal ás praias de Portugal; Sartorius commandou habilmente esse comboio, que guiou e protegeu com a sua pequena esquadra, podendo em poucos dias effectuar-se o desembarque nas praias de Arnosa do Pampellido (Mindello).

A 9 de julho de 1832 apoderava-se o exercito libertador do Porto, a 10 entrava a esquadrilha as aguas do Douro, recebendo fogo do lado de Villa Nova; por conselho de Sartorius no dia 11 a brigada ligeira do commando de João Schwalbach desalojava o inimigo da Serra do Pilar, e tomava esse ponto que nunca mais os constitucionaes largaram, apesar de repetidos ataques, e que foi uma salvação para o Porto.

Depois do combate de Ponte Ferreira e outros, e de terem deixado occupar Villa Nova pelos miguelistas, e perderem os seus importantes depositos de vinhos, logo a 18 partiu a esquadra para o sul e Sartorius deu fundo em Cascaes. Em vista de uma representação do governador d'essa praça ao almirante Parker, que ahi se achava, Sartorius passa ao sul do Tejo, e a 23 tem a satisfação de ver que o almirante levantando ferro, e passando junto d'elle, o cumprimenta e salva com a bandeira constitucional.

Bloqueia o Tejo e aprisiona a charrua *S. João Magnanimo* e escuna *Eugenia*. A 3 de agosto sahe a esquadra miguelista, e as duas vogam prolongadas de 5 a 10. N'esse dia á tarde com uma manobra habil ataca-a por sota vento, e a esquadra miguelista depois de um pequeno combate, foge a todo o panno, de modo que no dia seguinte pela manhã apenas se avistava vogando para Lisboa.

Torna a sahir a esquadra a 22, a 10 de setembro apparece a miguelista, a 14 acham-se á vista; separa-se-lhe por varias causas a fragata *D. Maria* que só se lhe junta a 30. A 2 de outubro lançam ferro esta nas Ilhas de Bayona; e a miguelista em Vigo, d'onde sahe a 10; segue-a Sartorius, trava-se combate a 15 sem decisão, seguindo a liberal para o Porto, e a miguelista para Lisboa.

Sartorius não é bem recebido pelo imperador, é-lhe tirado o commando, mas pouco depois restituido, até que passado tempo Carlos Napier é encarregado do commando superior.

Sartorius conservou sempre viva affeição a este paiz, onde viveu annos, recebendo o titulo de visconde da Piedade, em 1 de dezembro de 1836, sendo elevado a conde de Penha Firme em 19 de agosto de 1853.

Em 1856 por occasião da guerra com a Russia, foi confiado a Sartorius o commando da esquadra que devia operar no Baltico, mas as suas operações reduziram-se a pouco, porque o principal objectivo era Cronstadt, que estava de tal modo fortificada, que era impossivel tomal-a, não só atacal-a. Apenas occupou algumas ilhas.

De então para cá nada mais consta da vida do almiranre, senão que era o official mais antigo da marinha ingleza, e que o seu voto era ouvido e consultado nas occasiões difficeis.

Desde 1840 se achava reformado na marinha portugueza, com o posto de vice-almirante.

Descance em paz o velho marinheiro, e nós consagremos-lhe o nosso reconhecimento.

CONFLICTO ANGLO-RUSSO

O GENERAL ALEXANDRE KOMAROFF

Um personagem importante se destaca no meio do conflicto levantado entre a Inglaterra e a Russia, com respeito aos limites da fronteira Afghanistan, o general Komaroff.

O movimento de tropas russas sobre aquella fronteira, foi o signal de alarme que pôz em sobresalto o gabinete de S. James, sobresalto que em breve se espalhou por toda a Europa, que viu n'este facto o rompimento de um tratado e uma provocação da Russia á Inglaterra, protectora do Afghanistan.

A Inglaterra interpelou immediatamente o governo da Russia, sobre esse movimento de tropas russas que avançavam e quasi transpunham os territorios neutraes, e a Russia affirmou-lhe as suas intenções pacificas, procurando desfazer os receios da Inglaterra.

Entretanto uma e outra potencia aprestavam as suas armas, fazendo grandes preparativos de guerra, mal disfarçados pelos reciprocos protestos de paz e boa harmonia, quando de repente um facto importante veiu desmentir as boas intenções da Russia, a tomada de Penjdeh pelo exercito d'esta nação sob o commando do general Komaroff, facto a que já nos referimos em uma noticia da nossa resenha.

Exaltaram-se de novo os animos que se principiavam a tranquillisar, e julgou-se então inevitavel a guerra.

Pois ainda não foi d'esta, e ainda bem que não foi, porque os males de uma guerra entre duas potencias de primeira ordem, não se limitam aos contendedores, mas reflectem-se em todos os povos, travando-lhes o seu desenvolvimento.

A Inglaterra que, para com os pequenos e fracos, estende as garras do seu leopardo á mais ligeira contrariedade que a fira no seu orgulho ou nos seus interesses, tem usado n'esta questão, de uma calculada prudencia, que contrasta singularmente com a sua habitual arrogancia para as pequenas potencias.

Pediu novas explicações á Russia sobre o caso, tem empregado todos os seus melhores officios para evitar o rompimento formal, a ponto de se julgar quasi certa a manutenção da paz, resolvendo-se o conflicto diplomaticamente, por meio de arbitragem, para a qual se indigitam já dois soberanos da Europa, o imperador da Allemanha ou o rei da Dinamarca.

A Russia allegou que a tomada de Penjdeh foi provocada pelos afghans, mas recusou-se ao inquerito sobre o caso, e muito menos a censurar o general Komaroff, que tem sido o protogonista d'esta questão.

Alexandre Komaroff, de que publicamos o retrato, nasceu no Caucaso, em 1834 e é filho de um commandante militar d'aquella provincia. Fez a sua educação na Academia Imperial de S. Petersburgo, e militando nas fileiras do exercito russo, entrou em acção contra os montanhezes da fronteira russo-asiatica, no Caucaso, em 1876.

Essa lucta, em que se distinguiu pela sua bravura e sciencia militar, valeu-lhe o alcançar o posto de coronel.

Partidario enthusiastico do slavismo, pediu licença temporaria ao governo do czar para ir servir na Servia e combater pela independencia d'aquelle paiz slavo.

Voltou depois para a sua antiga fileira e tomou parte activa na guerra da Russia com a Turquia, distinguindo-se heroicamente na passagem do Danubio e nas batalhas de Plewna, antes da rendição da praça.

Actualmente exerce o cargo de governador geral das provincias transcaspianas da Russia, cuja capital é Merw.

A capacidade militar de Komaroff está exhuberantemente provada pelas tradicções gloriosas que o acompanham, e a confiança do governo do imperio, n'este general, é de tal ordem que a Russia se recusou acceitar a proposta da Inglaterra que pedia um inquerito sobre o procedimento de Komaroff.

Seria muito para louvar que a tremenda tempestade ameaçadora se desfizesse pela diplomacia, para que ao menos o progresso e a apregoada civilisação do seculo, não fosse uma palavra vã n'estas questões de força, mas nem sempre de razão.

BAHIA — O DIQUE

O Dique, na cidade da Bahia é uma defeza natural de que nos fala Sebastião da Rocha Pitta, na sua *Historia da America Portugueza*, escripta em 1700, do seguinte modo:

«Por terra a maior defeza que lhe põe a natureza, em que não teve exercicio a arte, é um dilatadissimo *Dique*, emulo dos de Flandres. Este formoso *Dique* é muito apreciado pelos extrangeiros.»

Se então o Dique da Bahia já era um dos pontos mais bellos d'aquella cidade, hoje mais lhe tem augmentado os attractivos o movimento, a vida que se desenvolve pelas suas margens, onde além da luxuriante vegetação, o progresso tambem lhe dispensou os seus beneficios.

Por uma das suas margens corre a locomotiva sobre os *rails* da linha ferrea denominada *Trilhos Centraes*, em terras da freguezia de Brotas; e pela outra as carreiras da *Companhia dos Transportes Urbanos*. Uma e outra via chegam até á povoação de Banhos no Rio Vermelho.

A nossa gravura, copia de uma photographia que nos enviou da Bahia, o nosso dedicado assignante o ex.mo sr. J. J. da Silva, deixa vêr o bastante para se apreciar o pittoresco do local a que se refere.

EGREJA DO SENHOR DE MATTOSINHOS

É extraordinaria a popularidade que nas provincias do norte de Portugal tem a imagem do *Senhor de Mattosinhos*, dispertando a devoção dos crentes, e a fama dos milagres d'esta imagem echoa por todo o paiz, sendo de todos conhecida.

Não entraremos na apreciação positiva d'este facto, porque elle constitue uma crença religiosa que o povo alimentá em seu coração, como lenitivo ás suas afflicções, e esperança consoladora de mais felizes dias, mas nos limitaremos a dizer, que a grande devoção que a imagem do *Senhor de Mattosinhos* inspira ao povo, tem por sua principal origem a lenda que lhe anda ligada desde tempos immemoriaes e que as gerações tem transmittido umas ás outras.

Essa lenda diz que a imagem do Christo crucificado que alli se venera, é das primeiras, se não a primeira, que Nicodemos fez pouco depois da morte do redemptor.

No segundo concilio niceno celebrado depois do anno 325 da era de Christo, discutiu-se quaes as imagens feitas por Nicodemos, e d'essas imagens que, uns dizem serem cinco e outros serem quatro, uma veiu para a Lusitania, a qual varios escriptores affirmam ser a do *Senhor de Mattosinhos*.

Diz mais a lenda que sendo esta imagem, como tantas outras, lançada pelo seu auctor ao mar para a livrar das profanações que os perseguidores do christianismo commettiam, ella veiu aportar á praia de Mattosinhos, no sitio denominado Espinheiro.

Para logo se levantou n'aquelle logar um padrão, para commemorar a milagrosa apparição.

Eis em resumo a lenda.

Esteve a imagem por muitos annos na egreja de Bouças, até que ameaçando esta ruina, se tratou de levantar novo templo, pelos annos de 1550, por conta da Universidade de Coimbra, a quem pertencia o padroado de Mattosinhos, por concessão de D. João III.

D'esta construcção só existe a capella-mór e parte do corpo da egreja, sendo o restante, obra do principio do seculo XVIII.

A gravura dispensa-nos de fazermos a descripção da frontaria do templo, que é elegante e bem traçada. Interiormente consta de tres naves, cujos arcos são sustentados por seis columnas de ordem corinthia. São sete os altares que guarnecem o templo incluindo o da capella-mór, onde está a imagem do *Senhor de Mattosinhos*.

A egreja situada em uma planicie junta ao mar, tem em volta varias capellas com os passos da Paixão. Frondosas arvores amenisam este logar extremamente concorrido por devotos, que de todos os pontos da provincia alli acodem, a prestar as suas homenagens ao *Senhor de Mattosinhos*.

A grande romaria e festa annual que alli se celebra é pelo Espirito Santo, e é das mais concorridas e pomposas que se fazem, nos arredores da cidade do Porto, d'onde Mattosinhos dista apenas 8 kilometros.

Theatro Sá de Miranda em Vianna do Castello

Um dia, um homem de intelligencia e de iniciativa, amante fervoroso da sua terra, lembrou-se de constituir uma sociedade anonyma de responsabilidade limitada, para promover diversos melhoramentos materiaes em Vianna, apagando assim a antiga feição burgueza da cidade, e levantando-a ao nivel das povoações modernas, saudaveis e elegantes.

Esse homem foi o conselheiro Antonio Alberto da Rocha Paris, auxiliado por o dr. José Affonso d'Espergueira, Sebastião da Silva Neves, e José Alves de Souza Ferreira, dos quaes os dois primeiros infelizmente já não existem.

Persistentes no seu benefico emprehendimento, conseguiram formar definitivamente essa sociedade que denominaram *Companhia Fomentadora Viannense*, em março de 1875, depois de approvados os estatutos pelos accionistas, no anno anterior.

A cidade então, possuia como hoje, um pequeno theatro antigo e feio, longe de satisfazer ás exigencias da hygiene e ás prevenções de incendio, sem nenhumas condições de acustica e de commodidade.

Por conseguinte a idéa predominante d'aquelle grupo de infatigaveis, fôra a de levantar para os ares, magestosamente, um theatro elegante, modelado pelos melhores do paiz, que désse algum nome a esta Vianna tão agradavel, tão hospitaleira e tão ignorada.

Foi por deante a luminosa idéa!

Elaborado o projecto do theatro pelo habil architecto Sardinha, lançou-se a primeira pedra d'este edificio em dezembro de 1875.

Ao passo, porém, que se ia erguendo, as difficuldades surgiam, n'um crescendo esmagador, a ponto de paralysarem por vezes as obras.

Punham-se para logo em campo os mais tenazes esforços, os sacrificios mais dedicados e como generoso fructo d'essa tenacidade heroica e d'essa dedicação extrema, a construcção d'aquelle esplendido templo da Arte, proseguia novamente. Assim a pouco e pouco, quasi sem se dar por tal, o theatro appareceu formado, quasi prompto de tudo, patenteando-se imperiosamente á admiração do publico.

Quando alli penetramos, sentimo-nos como que assombrados e ao mesmo tempo alegres ante aquella grandeza esplendorosa e assoberbante.

É como um templo illuminado aonde se entra reverentemente; e produz em nós o mesmo effeito que um dia alacreante de azul e oiro, aonde o nosso espirito se libra nas azas d'um pantheismo inebriante e bom.

A sala de espectaculo é recortada em semi-circulo. Tem 20 frisas amplas e luxuosas, 21 camarotes de primeira ordem e 16 de segunda, que dão para espaçosos corredores e para um vasto salão de palestra e de fumo.

A plateia contém 82 cadeiras de superior e 132 de geral, podendo umas e outras elevar-se a um total de 300 logares.

A decoração é esplendida.

A pintura do tecto foi feita pelo pintor João B. do Rio. É um trabalho esmeradissimo e correcto. Imagine-se um retalho de céo azul, com as suas nuvensinhas brancas e ondeantes, atravez das quaes se destacam symetricamente e com um grande rigor de linhas, os bustos de Gil Vicente, Garrett, Calderon, Schiller, Molière, Alfieri, Corneille e Shakspeare. A espaços, trophéos allegoricos á Arte, cercados de festões de flores coloridas, dão ao quadro um realce maravilhoso.

A frente das frisas e camarotes sobresaem arabescos doirados, a contrastar com o branco de leite.

O palco é vastissimo; de uma area de 360 metros quadrados. O scenario indispensavel, é devido ao pincel de Lambertini, artista vantajosamente conhecido.

Por baixo do palco formou-se um grande armazem para os diversos utensilios do theatro, e por cima construiram-se 17 camarins espaçosos.

O machinismo é como o dos melhores theatros de Lisboa e Porto.

O systema de ventilação é completo.

A illuminação por emquanto é feita a petroleo e a stearina; pensa-se porém, em illuminal-o mais tarde a luz electrica.

De resto, o atrio é rasgado e vasto, como a gravura deixa adivinhar e o numero de portas que dão accesso de todos os pontos do theatro para fóra, collocam-o a par dos de melhor construcção.

Ahi estão pois coroados os esforços d'esse punhado de homens energicos, trabalhadores e bemquistos. O que demonstra que vale muitas vezes mais a iniciativa particular de alguns homens de valor e intelligencia actuando harmonicamente n'um determinado sentido, do que muitas d'essas corporações constituidas por lei para promoverem os melhoramentos materiaes de uma cidade, taes como por exemplo relevante, o actual senado viannense.

Podem pois ufanar-se esses obreiros do progresso de Vianna, a quem hoje toda a cidade civilisada agradece, nomeadamente aos dois sympathicos cavalheiros, o major de infanteria, José Maria Pereira Vianna e o dr. José Alfredo da Camara Leme, o primeiro dos quaes foi substituir na direcção do referido theatro o chorado benemerito da nossa terra, dr. José Affonso de Espregueira, e os quaes, por uma louvavel força de vontade e dedicação, conseguiram que o theatro se inaugurasse no dia 29 de abril, ante uma assistencia numerosa de espectadores enthusiasmados até ao delirio.

Vianna, 30 de abril de 1885.

F. P. Vianna.

UMA CERVEJARIA-MUSEU

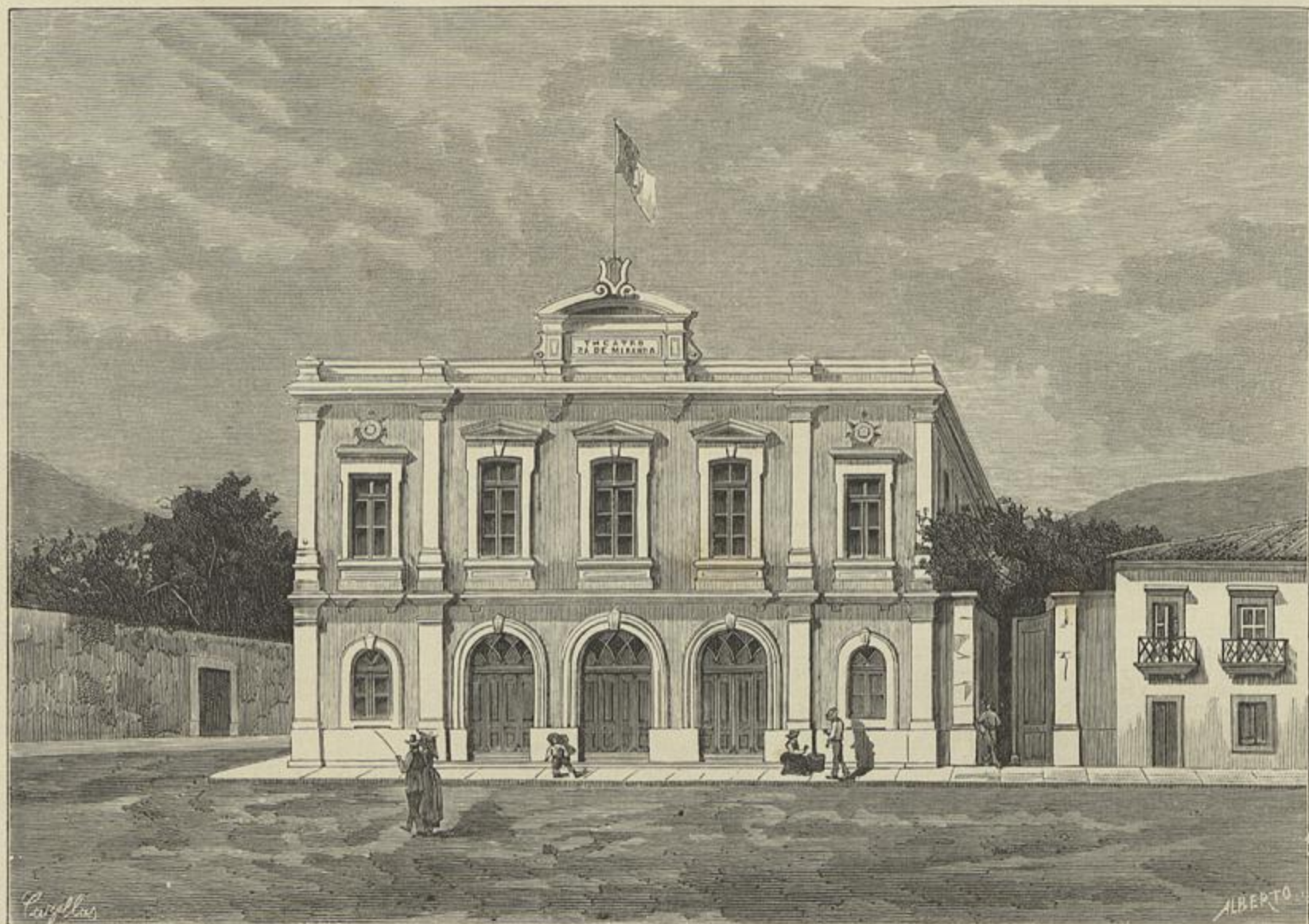
(Concluido do n.º 229)

Naturalmente, Raphael Bordallo descobriu e executou, com a sua graça incessante, cousa que destacasse, risse áparte pela sua barulhenta novidade foliã. N'um painel de azulejos,— porque estão imitados, realisados tão enganadoramente, que ninguem se atreve a farejar sequer a existencia de uma recondita e suterrada tela,— Bordallo tracejou espirituosamente as divertidas caricaturas de todos os bons companheiros do grupo, mostrando cada qual pelo mais saliente e typico lado da sua individualidade ou da sua pessoa. Assim, o Alberto de Oliveira, esgrouviado e louro, com a jubosa cabelleira esvoaçante, procura amavelmente trespassar um catalogo ao refestelado e sceptico leão, que o acolhe com um riso marôto, emquanto saboreia a sua cachimbada fumosa; o pacato, brando e quêdo Silva Porto cavalga turbulentamente um touro, agarrando-lhe os agudos cornos n'um jubilo de animalista; Vaz anda escarranchado n'uma canôa virada; Malhôa, não contente com o seu vezeiro costume de furtar arvores para as suas paysagens, arrancou uma algures e lá vae com ella ao hombro; Vieira, com a sua gorducha cara alegrada pela sempiterna risada, avança hilariantemente a cabeça d'entre as folhas d'uma rosa; o Columbano, baixinho e ironico, empunha vigorosamente a sua enorme paleta carregada de tintas, tendo perto o sorridente Martins que prepara os seus pinceis; Antonio Ramalho, pequenino e rotundo, faz o officio de rir, pousado nas alturas como um gordo pardal bigodoso; emquanto que o Gyrão, com uma cabeça expressiva de inspirado, ala-se montado n'um gallo fantasmagorico, seguido de um comico bando de coelhos armados de lapis, e precedido por uma ranchada corredôra de patos a quem o Pinto abre

caminho, calvo e agitando as suas curtas azas batentes de joven gallinaceo. Emtanto Christino abre alvoroçadamente o seu indispensavel guarda-sol, como que precavendo-se contra o vento de loucura que saccode freneticamente os seus camaradas; e o proprio Raphael parece fugir á tempestade ruidosa que semeou, rindo rasgadamente, pansudo e elegante como um sileno mundano, ás cavalleiras no seu corpulento e nervoso gato assanhado, que não tarda a desabar estouvadamente em cima do nosso amigo Manuel e do seu consolado patrão.—Eu cá, francamente, acho que esta extravagante composição bohemia é uma das mais fulgurantes fantasias, que tem produzido a verbe endiabrada do brilhante satyrista.

Que o dono da casa tambem apanhou o seu retrato, collocado justamente sobre o reposteiro luxuoso em que a sr.ª D. Maria Augusta Bordallo maravilhosamente bordou um chimerico leão batalhante. Pintou-o Columbano, que lhe quiz dar um curioso aspecto archaico, parodiando certas obras-primas ingenuas e trabalhadas de Alberto Durer.

É magnifica a esguia tela em que Vieira aninhou perfumosamente algumas rosas sensuaes emmolhadas com begonias, debaixo d'uma fôfa cortina amarella com prégas quebradas, por onde a sombra negreja. Este fino colorista, cuja rica paleta rutila promessas, nunca por certo nos mostrou, como n'este quadro delicioso e d'um solido valor, uma felicidade d'execução tão segura, fresca, espontanea, e cheia de luz.

Com um attrahente assumpto muita vez usado — e renovado, dilecto ao seu pincel que lhe sabe aproveitar habilmente a variada abundancia, Gyrão fez um quadro de primeira ordem, onde uns bonitos coelhos em sucia róem folhas de couve vorazmente, dentro de uma capoeira espaçosa, emquanto que um altivo gallo, d'uma naturalidade admiravel, olha d'alto empoleirado n'umas grades, tendo ao lado a passiva gallinha aninhada e uma pequena cascata de hervas pendentes, salpicadas de floritas. Por seu lado, Christino deu uma vistosa e agradavel paysagem, com um curvo riacho de aguas verdoengas e lisas, sobre que se debruçam os choupos reverdecidos da tenra folhagem recem-aberta, deixando desafogado o primeiro plano onde umas atarefadas lavadeiras esfregam a sua roupa suja laboriosamente.

THEATRO SÁ DE MIRANDA, EM VIANNA DO CASTELLO, INAUGURADO EM 29 DE ABRIL DE 1885 (Segundo um desenho do natural pelo sr. J. M. Olympio)

E estamos em frente da obra, que soberbamente tem provocado o mais pertinente interesse. É um vasto quadro pintado por Columbano, no qual reapparecem os do «grupo do Leão,» reunidos familiarmente em torno de uma longa mesa onde pouco pantagruelicamente figuram reluzentes copos com restos de cerveja ou de vinho, — preferido pelos rapazes mais abertamente meridionaes, com uma airosa basofia de raça. As figuras são de tamanho natural, postas n'uma pittoresca desordem, em attitudes desalinhadas e á-vontade de quem está abandonadamente n'um facil cavaco intimo, chalaceando e rindo, ou escutando n'uma indifferença; — e é extraordinaria a pujança brusca, impetuosa, fluente, como agitada de uma febre de observação feliz, com que o valente pintor brochou todos estes corpos bem animados da real vida, colhidos, transplantados victoriosamente da sua existencia de cada dia. É um trabalho de mestre, com proporções quasi athleticas, que indubitavelmente lhe veem da facunda e poderosa factura; nem mesmo se repara na carestia da côr: tamborila-nos insistentemente na lembrança um Franz Halls, um Rembrandt, e, n'uma vaporisação de reminiscencia, as figuras surgem-nos vagamente com largos chapeus cavalleiros ou gôrros farfalhudos de plumas, negros gibões avivados de rendas, espadas, pedrarias. Ha profundos defeitos, que diabo, palpaveis, graúdos, inexoraveis; mas se o grande talento rebelde do Columbano não encerra o dom da pachôrra, e descuida portanto os lados mais *materiaes* da arte, na presença d'uma obra d'este alcance temos decididamente que lhe perdoar isso, e sem nos fazermos rogados, porque ahi está o grão mestre pintor Rubens que não é positivamente o que se diz perfeito.

Bofé, amigos meus, que não sei se esta afortunada casa é uma cervejaria, ou «restaurant,» ou café, ou botequim, ou o quê; sómente me quer antes parecer que é um benefico e hospitaleiro museu, onde uma pessoa que se preze de bom gosto póde digerir extasiadamente, n'uma capitosa contemplação d'obras d'arte.

Monteiro Ramalho.

CASTILHO

(Continuado do n.º 228)

VII

A instrucção primaria jazia n'um estado lastimoso.

Não é que não tivessem havido professores habeis e intelligentes, não é que os não houvesse humanos e amigos dos seus discipulos, mas em geral o mesmo amor do seu nome, do seu credito, da propria instrucção, e do adiantamento dos discipulos os fazia ser asperos e crueis.

Ainda conhecemos isso e ainda hoje os ha.

Instrucção sem pancada não se podia comprehender, e ainda ha hoje quem sem isso a não comprehenda.

Emprehender, pois, derramar a instrucção sem castigos degradantes, achar ou inventar um methodo de ensino, que chamasse as creanças á escola, que os attrahisse, que os fizesse estar na

aula como quem está brincando em um jardim, se foi o intuito de Frœbel, foi o grande alvo a que mirou Castilho.

Nada mais secco, mais arido, menos attrahente, do que a aprendizagem do *a b c*, do *bê a ba, bê ele a bla*, etc., chamar as bellas-artes em seu auxilio, fazer com que o desenho, a musica, a poesia viessem quebrar a aridez do ensino, a secura de uns signaes abstractos, convencionaes, que se não pode explicar como e porque appareceram, mas que existem, são necessarios, são uteis, é um grande pensamento, e só pode ser nascido em uma alma profundamente reflexiva, e que deseja tornar-se util á sua patria.

Disseram e diz-se que o methodo não é original de Castilho, que já outros tinham delineado e praticado coisa similhante; é verdade. Mas desde a *Cartilha* do padre Ignacio, ou de João de Barros, até ao *Methodo Portuguez*, que longo caminho; desde o *A, arvore, B, bésta*, até ao *preguiçoso* que se espreguiça dizendo sempre *A*, ou o *gago* que só diz *Me*, que incommensuravel progresso!

Todo o artificio do *Methodo Portuguez* Castilho, consiste em ligar uma serie de historias ás lettras do alphabeto, e que lhes servem como que de origem, o que até ahi se não fizera. Conhecendo profundamente a decidida inclinação que as creanças teem para

CONFLICTO [illegible] — O general Alexandre Komaroff

ouvir contos e historias, que reteem com a maior facilidade, sendo até esse entretenimento, a unica maneira como se podem ter quietas e quasi sem sentirem necessidade alguma corporal durante muito tempo, entendeu Castilho que arranjando uma historia para explicar a origem de cada lettra, satisfazia a curiosidade natural das creanças, entretinha-lhes o espirito, começando a fazer-lhes procurar a origem ou razão de tudo, e exercitava-lhes a memoria, uma das principaes faculdades que é preciso pôr em exercicio desde a edade mais tenra.

Compôr e decompôr as palavras desde as mais curtas até ás mais longas, lêr exercicios ainda reduzidos a contos, e em verso, que mais facilmente se retem, completava e desembaraçava os naturaes menos doceis e dispostos ao ensino, e fazia-os lêr quasi sem o sentirem, quasi sem darem por isso. Todo este trabalho era lardeado de desenhos, que sinthetisavam o assumpto de cada conto, e de canticos já no abrir da escola, já no explicar o valor das letras e syllabas, já no encerrar da aula.

Quem assistiu a esses trabalhos, em que até homens de 40 e 50 annos vieram buscar os primeiros rudimentos, que, ou não puderam receber em pequenos, ou haviam negligido, quem viu a alegria que animava centenares de alumnos que jámais *faziam gazetta*, e se

BRAZIL — O Dique na Bahia (Segundo uma photographia de G. Gaensly, remettida pelo sr. J. J. da Silva)

empenhavam em se mostrarem cada qual mais instruido e desembaraçado, quem observou a facilidade, com que ao cabo de vinte ou trinta licções liam e respondiam correntemete, póde dar cabal testemunho do valor e proficuidade do methodo portuguez.

E isto dirigido por um cego!

A publicidade com que Castilho dirigia o ensino o enlevo de que o cercava, ministrando-lhe de quando em quando o attrativo de uns saraus litterario-musicaes, onde desdé o engenho mais festejado do paiz até o mais humilde ou nascente, podia exibir as producções mais ou menos perfeitas, tudo dava á sua escola uns certos toques de academia livre, sem philaucia e sem entono, juntando em habil consorcio o verdadeiro *utile dulce*.

Convidava Castilho os homens mais eminentes a visitarem o seu curso e pedia-lhes que dirigissem ás creanças as perguntas que lhes parecessem concernentes ao ensino da leitura. Versavam ellas ordinariamente sobre a composição e decomposição das palavras. E a este proposito contarei uma pequena anedocta.

Assistia um dia aos trabalhos escolares Antonio Aluisio Jervis de Athouguia, que era então ministro da marinha, se nos não enganamos, e Castilho no meio dos trabalhos, pediu-lhe que indicasse aos rapazes uma palavra difficil para decomporem. Jervis de Athouguia, professor de mathematica emerito, depois de reflexionar um instante, disse-lhes: *euclidicamente*. Apenas a palavra expirava nos labios do antigo professor, a rapaziada apoderou-se d'ella, e com a maior facilidade, na melopea adoptada, dividiu-a, dissecou-a, e tornou-a a compôr, até que findo esse trabalho, Castilho perguntou ao ministro:

— «Que lhe pareceu?

— «Muito bem, respondeu Jervis, pois esta não conheciam elles.»

— «Nem eu», accrescentou Castilho.

(Continúa) *J. B.*

O DOUTOR BALDY

(Concluido do n.º 229)

Ser medico como o é o dr. Baldy é uma santa e nobre coisa, mas é tambem a vida peior, mais attribulada e mais incommoda que se póde imaginar.

A toda a hora da noite que batam á sua porta, o dr. Baldy nunca recusa a sahir, e immediatamente, para acudir a qualquer enfermidade.

D'ahi, o ser quasi todas as noites incommodado no melhor do seu somno, e muitas vezes para casos sem importancia, para pieguices de mulheres nervosas ou brutalidades de camponios gulotões.

Ha pouco tempo ainda, durante o tempo em que eu estive em casa do dr. Baldy, foi elle chamado uma vez, alta noite — e que noite de temporal que ella era! —, para vêr um homem em Campolide que estava apopletico.

O dr. Baldy sahiu logo, e foi a pé, debaixo de agua, até Campolide.

Chegou, vê o homem, manda vir uma gallinha. A familia, espantada, vae buscar a gallinha. O illustre medico arranca-lhe uma penna, faz com ella cocegas na larynge do tal apopletico, e o homem começa a lançar... canadas e canadas de vinho.

— Olhem, disse o dr. Baldy á familia, ahi lh'o deixo bom, e quando elle tiver outra vez d'estas apoplexias, não me vão buscar a mim: basta que vão buscar uma gallinha.

III

O dr. Baldy, póde dizer-se que não tem horas d'ocio. Todo entregue aos seus doentes desde o romper do dia até ás 10 ou 11 horas da noite, o illustre medico aproveita os poucos momentos que lhes restam livres da sua clinica e do estudo dos progressos que todos os dias faz lá por fóra a sciencia medica, em jogar o voltarete e em fazer versos.

E em fazer bons versos, o que é mais raro ainda.

O dr. Baldy tem um talento humoristico de primeira ordem, e entre as suas poesias alegres, escriptas a lapis, dentro do seu *coupé*, no intervallo de duas visitas, ha algumas que são verdadeiras obras primas.

O illustre medico tem ja publicado um volume de versos, em que ha poesias de grande valor, mas o volume de *sonetos* que está no prelo, é muito superior ao primeiro e collocará decerto, o dr. Baldy entre os poetas humoristicos mais distinctos do nosso paiz.

Muitos d'esses *sonetos* tem um verdadeiro sabor bocagiano e pela linguagem e pela fórma, são verdadeiramente portuguezes e tem essa graça nossa, tão original e tão differente da graça estrangeira.

Entre esses *sonetos* ha alguns que são lyricos, e n'esses ha tambem verdadeiras perolas.

Outro trabalho litterario importante do dr. Baldy e que brevemente apparecerá á luz é uma traducção em verso, das fabulas Esopo, uma traducção esmeradissima, que bastaria para fazer a reputação de um poeta e de um erudito.

Além d'estas obras, o dr. Baldy tem já publicados varios volumes de estudos de hygiene, de medicina legal, um trabalho precioso sobre a importancia thermal das Caldas da Rainha e prepara um estudo interessantissimo sobre as mumias do Peru.

Como prosador o dr. Baldy tem uma grande elegancia de phrase, um estylo singelo e gracioso, que não é muito facil de encontrar em homens de sciencia. Como poeta, tem uma inspiração alegre e uma critica delicada e espirituosa, uma individualidade que o distingue entre os nossos poetas de hoje.

*
* *

No anno de 1855 o dr. Baldy casou com uma virtuosa senhora, de quem tem vivos dois filhos, a sr.ª D. Herminia Baldy, uma formosa menina de 17 annos, tão distincta pelos elevados dotes do seu coração e do seu caracter, como pela esmerada educação do seu gentil espirito; e um rapaz de 26 annos, o sr. Alfredo Baldy, um bello rapaz, intelligente, alegre, sympathico, que *au premier abord* captiva a estima de quantos o conhecem, estima que a conveniencia intima transforma logo em duradoura e profunda amisade.

E assim cercado do amor dos seus filhos, dos carinhos de sua esposa, rodeiado de sympathias, de consideração e de bençãos, o dr. Baldy vae atravessando a vida, semeiando o bem pelo seu caminho, enxugando lagrimas, distribuindo quotidianamente com mão prodiga, as esmolas da sua sciencia profunda, da sua dedicação rara e da sua caridade santa.

Gervasio Lobato.

Um desenho inedito de Nogueira da Silva

(Continuado do n.º 227)

IV

Por 1862 organisaram os srs. Castro Irmão & C.ª no seu estabelecimento typographico, alojado no antigo palacio dos Marquezes de Sampaio, á Boa Vista, um *atelier* de gravura, com o fim de conseguirem mais unidade e aperfeiçoamento no trabalho, sob a direcção de Nogueira da Silva e de João Pedroso.

Agremiaram-se n'aquelle *atelier* os artistas José Baptista Coelho Junior, Antonio Vidal, João Barbosa Lima e o que escreve estas linhas.

Era a primeira tentativa que se fazia d'este trabalho em commum, aproveitando a aptidão de cada artista para cada especialidade, como meio de conseguir mais perfeição e uniformidade em producção.

Apesar da boa vontade dos proprietarios, é preciso confessar que os resultados d'esta tentativa não tiveram um grande alcance. As desintelligencias entre os artistas principiaram a manifestar-se e Nogueira da Silva foi o primeiro a abandonar o *atelier*, o que desgostou todos incluindo os proprietarios, embora a sua falta fosse logo prehenchida por José Maria Baptista Coelho, o decano dos gravadores em madeira, portuguezes.

Nogueira da Silva estava no periodo aureo da sua fama e no periodo aureo do seu orgulho.

O *Archivo Pittoresco* que elle tanto amara e em que elle tanto brilhara principiava a contrarial-o. O *atelier* de gravura não prosperara, porque ao fim de pouco mais de um anno estava deserto, mas d'elle tinha surgido um emolo para Nogueira da Silva, um rival que elle não acceitava com a magnanimidade do talento senão com a mesquinhez do egoismo, era um fraco a que a sua intelligencia não podia ser superior, e não se pense que n'isto prevalecesse um sordido interesse; não. N'isto só havia a questão moral. Nogueira da Silva via pela sua frente um artista que se media com elle, e o seu orgulho não podia soffrer uma tal prova. Esse artista era João Barbosa Lima (1).

O novo desenhador, que principiara por gravador, seguia a escola de desenho mais colorista e mais adiantada. Desenhava a lapis sobre a madeira e por isso os seus desenhos tinham mais tom e menos seccura que os de Nogueira da Silva. Este guardou o seu pincel microscopico e principiou a desenhar tambem a lapis, muito contrariado, muito rabugento, e com tão má vontade, que ainda assim sempre preferia o seu pincel, e com elle fazia o mais que era possivel exigir-se com tal instrumento.

Entretanto Barbosa Lima fazia notaveis progressos, e Nogueira da Silva abandonava-lhe um pouco o campo do *Archivo Pittoresco*, empregando-se n'outras obras que então lhe absorviam uma boa parte do tempo.

Essas obras eram o grande *Tratado de Physica*, pelo sr. Francisco da Fonseca Benevides; os *Excerptos Historicos para a guerra da Peninsula*, do sr. Claudio de Chaby; o *Relatorio de uma viagem á China*, pelo sr. Marques Pereira, e outras de menor tomo e importancia, em que Nogueira da Silva collaborou com os seus desenhos.

Já a este tempo (1865), tinha illustrado as obras completas de Nicolau Tolentino, editadas pela mesma empreza do *Archivo Pittoresco*.

Não pretendemos aqui fazer uma apreciação rigorosa do trabalho de Nogueira da Silva na illustração d'essa obra, porque apenas esboçamos a largos traços a biographia critica do notavel artista; por isso nos limitaremos a dizer que, o modo como o artista encarou o poeta, não correspondeu precisamente á indole d'este, que embora comica não é grutesca nem exagerada na caricatura dos seus personagens, que de resto não são mais que a reproducção dos costumes do seu tempo que tem o comico de todos os tempos, e que o poeta descreve com a sua veia humoristica, deixando por muitas vezes transparecer atravez d'esse humorismo, as amarguras de uma vida attribulada pelos aborrecimentos da sua profissão de mestre de meninos e pela falta de recursos.

Parece que Nogueira da Silva não teve nada d'isto em vista e que só se deixou arrastar pela sua tendencia para a caricatura, exagerando e falseando a intenção do poeta.

(Continua) *Caetano Alberto.*

(1) Vid. vol. III do Occidente pag. 194 e vol. IV pag. 6, 15, 38 e 46.

O ACTOR JOÃO ANASTACIO ROSA

(Concluido do n.º 228)

Uma das grandes qualidades dominantes de Rosa pae, como já dissemos, era a maleabilidade do seu talento, a facilidade e felicidade com que abordava os generos mais differentes e oppostos.

Nunca poude apreciar o grande actor em papeis tragicos, nem mesmo em papeis violentamente dramaticos. Vi-o fazer o *Fidalgo Pobre*, o *Cego*, o *Maestro Favilla*, mas era uma creança ainda e d'esses papeis apenas tenho umas vagas reminiscencias.

Do *Fidalgo Pobre*, por exemplo, tenho uma recordação excessivamente comica, que me relembra ao mesmo tem uma das scenas capitaes do drama e a profunda sensação que ella produzia no publico.

Eu, muito pequeno ainda, assistia á representação n'um camarote com a minha familia e uns primos, pequenos tambem.

Durante um dos actos, estava Rosa, o fidalgo pobre, a pintar com tinta as coçadas mangas da sua casaca preta, ao som de harmonias na orchestra, e no meio de um profundissimo silencio do publico, que seguia cheio de commoção aquella tocante scena, quando de repente a porta do nosso camarote se abre e nós todos estouramos uma enorme e escandalosa gargalhada que provocou da sala uma tempestade de schius indignados.

A causa da nossa ruidosa hilaridade era um criado novo, gallego, que entrara ha dias para serviço de casa de meu pae, e apparecia no theatro, vestido com um fato velho lá de casa, sobrecasaca, um collarinho enorme que quasi lhe occultava a cara alvar e bronca, gravata de setim preto, cheia de voltas, chapeu alto de meu pae, que lhe cahia até á nuca, e grande bengala de canna da India, agarrada imponentemente como se fosse um sceptro.

Pois essa entrada comica do nosso criado no camarote, lembra-me perfeitamente ainda e juntamente com ella o silencio profundo, religioso com que o publico assistia a essa scena, um silencio que raras vezes temos visto em theatro e que só os grandes talentos sabem impôr.

Como já disse, os papeis em que vimos Rosa, podendo já apprecial-o devidamente, foram o *Marquez de la Seiglière* e o *Morgado de Fafe*, duas

creações de indole totalmente diversas e em que elle era magnifico.

A bonhomia provinciana do morgado de Fafe, o seu modo de falar, as suas gargalhadas, a sua *gaucherie*, toda a linha do personagem, eram desenhados com uma correcção realista e com um alto talento comico que, denunciavam logo um actor excepcional.

Mestre profundo na sua arte, artista até á raiz dos cabellos, vendo logo os personagens sob a sua verdadeira luz, estudando-os em todas as suas minuciosidades e em todo o seu *ensemble*, Rosa pae era não só um grande actor, uma poderosa individualidade artistica, como tambem um professor consumado da sua arte, cujo sabio conselho fazia artistas e tem ahi a proval-o brilhantemente os seus dois filhos João e Augusto Rosa, que guiados pelas suas licções subiram tão rapidamente aos primeiros logares da nossa scena.

* * *

Como homem o Rosa pae era uma das individualidades mais sympathicas, mais originaes e mais curiosas do nosso tempo.

Tinha umas ratices unicas, um bom humor enorme, uma boa fé extraordinaria n'estes tempos de scepticismo geral que vão correndo.

Para todas as coisas levava os seus enthusiasmos ardentes de artista; acreditava com tanta convicção enthusiastica no calçado impremiavel que inventára, como no espiritismo que nos ultimos annos da vida se lhe encaixára na cabeça, e era de ver a ingenuidade sincera com que elle contava, perfeitamente senhor das faculdades intellectuaes, os seus dialogos com os grandes mortos illustres de todos os tempos.

Talento extraordinariamente brilhante, caracter extrordinariamente bondoso, o Rosa pae era recebido em toda a parte de braços abertos, era querido por todos e a sua morte foi quasi um luto nacional.

O enterro de Rosa pae foi uma das manifestações mais imponentes que se tem feito em Lisboa uma homenagem brilhante de saudade e de estima pelo illustre morto que tanto honrára a arte do seu paiz.

E no meio da sua grande dôr, deve ter sido um lenitivo para a viuva e para os filhos e para os parentes de Rosa, o verem como todo o paiz se associára á sua tristeza e como todos choraram e honraram a memoria do seu querido morto.

G. L.

D. LUIZA DE GUSMÃO

(Estudo historico)

(Continuado do n.º 229)

Diz-se, e a historia fez-se echo desastrado da lenda, que um moiro captivo, serviçal dos duques de Medina Sidonia, e tido em conta de grande astrologo judiciario, da conjunção dos astros tirára o horoscopo que a D. Luiza de Gusmão assegurava a corôa de rainha. O catholico D. Antonio Caetano de Sousa, não querendo na sua piedade dar credito a herejes, acrescenta para attenuar a sabença do astrologo infiel, que os duques de Medina Sidonia ouviram o prognostico que a sua filha se referia, *sem mais credito do que deviam a pouca fé do moiro*, mas sem occultar que o vaticinio se espalhára na cidade de S. Lucar de Barremeda, disputando-se nas conversações publicas, e particulares, qual seria a corôa que o velhaco propheta deixára de indicar, para trazer em suspenso a curiosidade dos paes de D. Luiza de Gusmão.

É possivel que os duques de Medina Sidonia não acreditassem no prognostico do moiro, por vir da parte de quem vinha, mas, apezar da descrença, sempre a mãe de D. Luiza de Gusmão lhe foi dizendo, ao dar-lhe o ultimo abraço de despedida: — *Ide filha muito contente, que não ides para duqueza, senão para rainha* — o que indica que o pérro infiel lográra fazer brecha na maternal solicitude da duqueza de Medina Sidonia.

Diz o auctor da *Historia Genealogica*, que D. Luiza de Gusmão em quanto assistira em Villa Viçosa *fôra venerada como oraculo*, mas nenhum documento prova que d'ella partisse a iniciativa de quaesquer negocios publicos, que carecessem da intervenção officiosa da pythonisa.

Se, ao facto importante da acceitação da corôa pelo duque de Bragança, animado na empresa pela opinião de sua mulher, se quiz referir a *Historia Genealogica*, dando as honras de oraculo ás palavras audaciosas que á duqueza se attribuem, já demonstrámos que, faltando as testemunhas de ouvido, se lhes póde logicamente prestar tanta fé, como a que mereceram aos duques de Medina Sidonia as certeiras prophecias do vidente moiro de S. Lucar de Barremeda.

Vamos agora vêr se os esplendores da corôa real, actuando no animo da duqueza de Bragança, lhe deram legitima entrada em todos os diccionarios biographicos, que a apresentam como dotada de espirito varonil, e talhada para os grandes lances dos tempos revôltos e mal agoirados.

Duas occasiões se apresentam desde logo a alentar-lhe a audacia, e em que D. Luiza de Gusmão se deixou ficar simples mulher,— bem haja ella — antepondo, uma vez, o seu amor de esposa á compaixão por alheias maguas: outra vez, confiando da religião o lenitivo ás angustias por que passára, tambem como esposa, ao vêr perigar a vida do marido, e ao antever a orphandade dos filhos, a quem estremecia.

Aos que pretendem vêr em D. Luiza de Gusmão a mulher forte, de seguro conselho, e decisiva influencia no animo brando e remisso de D. João IV, perguntaremos: que parte tomou a rainha, ou em que influiu o seu parecer, se por ventura chegou a manifestal-o, no triste e summario processo que levou ao patibulo o marquez de Villa Real, e os seus cumplices? A historia diz que a rainha fôra implorada pelas lagrimas das já quasi viuvas dos conspiradores, mas cala complacente para onde se lhe inclinou a vontade, se para o perdão, se para o castigo dos reus. Pede-nos a consciencia que nos deixemos ir a crêr, que D. Luiza de Gusmão penderia, se não para a absolvição dos conspiradores, pelo menos para a commutação da pena capital. O facto do rigor extremo das sentenças proferidas, dá-nos direito a duvidar que a opinião da rainha fosse attendida por seu marido, que lhe anteporia razões d'Estado indeclinaveis, sendo prova d'esta asserção, apparentemente gratuita, o dito de Filippe IV ao saber da execução dos reus: *agora, sim: agora é que o duque de Bragança se fez deveras rei.*

Annos depois, escapando o duque de Bragança ao attentado que contra a sua vida projectára Domingos Leite Pereira, ferido pelo rei na sua honra de marido; D. Luiza de Gusmão, esquecida do aggravo que ella propria recebera, fundava um convento para frades carmelitas, em acção de graças ao Santissimo Sacramento, por ter livrado D. João IV da cilada, que o cumplice de Leite Pereira denunciára ao conde de Odemira.

A mulher amante e piedosa denuncia-se n'estes factos; a rainha altiva, e inspiradora de ousados commettimentos, é que não. O abbade de Sever, precavendo-se rhetoricamente contra as objecções que ás suas affirmativas, sem provas, poderiam mais tarde contrapôr os incredulos, falando na parte que a rainha tomava nos negocios mais graves da monarchia, accrescenta que, quando bem succedidos, *nunca fizera jactancia de se deverem ao seu discurso*, habil precaução para se furtar a especificar quaes os negocios graves a que pretendera alludir.

Quando D. João IV se passou ao Alemtejo no anno de 1643, ficou a rainha em Lisboa governando na sua ausencia, desde 19 de julho até 5 de outubro, dia em que o rei regressou á capital não se tendo dado nenhuma occorrencia notavel durante o breve periodo de dois mezes e meio que a rainha assumiu a governação do reino. Convém notar, insistindo sempre na mesma idéa, que D João IV ao ausentar-se temporariamente da capital, e sem proposito de transpôr a fronteira, ainda assim julgou prudente deixar á rainha uma memoria, *excellentemente lançada*, diz a *Historia Genealogica, em que com admiravel providencia previo tudo o que podia occorrer, e o modo como* (a rainha) *se havia de haver, quando não houvesse tempo de elle poder ser ouvido.* Ninguem de boa fé dirá, que tantas precauções demonstrem plena confiança do rei nos recursos intellectuaes de sua mulher para convenientemente encaminhar os negocios publicos.

(Continúa) *L. A. Palmeirim.*

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento. Falleceu em Leiria no dia 4 do corrente o sr. Affonso de Castro, governador civil d'aquelle districto. Era o sr. Affonso de Castro, tenente-coronel reformado, commendador de varias ordens nacionaes e estrangeiras, official da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia, cavalleiro de Aviz e tinha medalhas de prata de bons serviços e valor militar e a medalha de Timor. Nasceu o sr. Affonso de Castro em Lamego a 11 de janeiro de 1824; em tempo competente entrou para o Real Collegio Militar, cujo antigo curso concluiu em 1841. Assentando praça na arma de infanteria, seguiu o curso da escola polytechnica que completou. Implicado nos successos politicos de 1846 a 1847, foi separado do quadro do exercito, ao qual foi restituido depois do movimento de 1851. Desde então foi empregado em commissões importantes, como a de governador da provincia de Timor, aonde prestou importantes serviços e onde alcançou o aspecto senil que ha muitos annos o fazia parecer mais velho. D'esta sua estada na Oceania restam trabalhos importantes, taes como: *Une rebellion à Timor* impresso em Batavia em 1860, em separado, e no jornal da sociedade das sciencias e artes d'aquella cidade; *Memoria sobre Timor*, publicada no mesmo jornal em francez, e parte d'ella em portuguez nos Annaes do Conselho Ultramarino; e *As possessões portuguezas na Oceania*, na Imprensa Nacional e por ordem do governo em 1867, um volume de 460 paginas, com as mais importantes noticias. Fez parte, em tempo, das redacções da *Esperança* e *Arauto*, etc. Foi depois governador civil em varios districtos do reino, e ultimamente do de Leiria onde faleceu. Era um homem sisudo, intelligente, trabalhador e activo, muito zeloso pelo serviço publico.

Retratos de D. Isabel, de Portugal e de el-rei D. Sebastião. Foram vendidos em Paris estes dois retratos pertencentes á celebre collecção de Aragon. O primeiro foi comprado por Arsene Houssaye e o segundo por S. M. a rainha D. Maria Pia.

Instituto geographico portuguez. O sr. conselheiro Cortez a quem nos referiamos na pequena noticia bibliographica do nosso n.º 227 relativa á cartographia e novo systema de relevagem de cartas por aquelle distincto sabio, fundou um estabelecimento com aquella designação, que está hoje já em adeantado estado de actividade. O opusculo de que demos conta no referido numero tinha nos sido remettido havia mezes, mas confundido com outras publicações só agora nos chegára á mão, de modo que os votos que faziamos, e a esperança que nutriamos de ver aquelle methodo convertido em utilidade pratica, era já um facto realisado e largamente propagado. Felizmente não só se acha fundado aquelle instituto, mas a industria da relevagem das cartas pelo systema portuguez, reconhecida em todos os centros industriaes europeus, como a unica seria, especial, e em vista da qual tudo o que até então existia n'este genero era rudimentar e não pratico. Editores das principaes casas de Paris e de outras nações, e do proprio governo francez demonstram o que acabamos de dizer. As principaes condições de superioridade ou incomparabilidade do methodo do sr. Cortez são: 1.º que o relevo é determinado pelas curvas de nivel com todo o rigor; 2.º que a carta relevada é de papel ordinario; 3.º que se enrola com tanta facilidade como qualquer outro papel; 4.º que nada soffre com o enrolamento e transporte. Todas estas vantagens reconhecemos perfeitamente na Carta do Concelho de Cuba que nos foi amavelmente remettida, e cuja edição está prompta. Portanto estando os levantamentos exactos, as cartas do sr. Cortez representarão perfeitamente os terrenos. Remettemos os nossos leitores para a memoria que citámos no n.º 227 onde se acham todos os esclarecimentos de que possam carecer para avaliar a alta importancia d'esta nova industria europea, mas pura e essencialmente portugueza.

Corridas de cavallos. Estão annunciadas para os dias 12, 13 e 14 do proximo mez de junho as corridas de cavallos no hyppodromo de Belem, promovidas pela Sociedade Promotora do Apuramento de Raças Cavallares. No primeiro dia ha cinco corridas, no segundo tres e no terceiro cinco. Os premios são offerecidos por Suas Magestades, principe D. Carlos, governo e Sociedade. Tem custado no nosso paiz a desenvolver o gosto por estas diversões e a fazer comprehender as suas vantagens, que são em todo o caso mais importantes que as que resultam das corridas de touros. As corridas de cavallos são um incentivo para a creação e apuramento das raças, e isto representa vantagens commerciaes que não são para desprezar n'um paiz que tem aliaz elementos para aperfeiçoar e desenvolver este genero de creação. Por occasião das corridas ha tambem uma exposição hyppica em que são admittidos poldros e poldras de dois a quatro annos, nascidos no paiz, e eguas com filhos d'este anno, etc., sendo conferidos premios pecuniarios aos melhores exemplares.

Hospede illustre. Chegou a Lisboa o duque Ernesto II de Saxe Coburgo Gottha, primo de S. M. el-rei D. Fernando a quem vem visitar. Está hospedado no palacio das Necessidades.

Egreja do Senhor de Mattosinhos (Segundo uma photographia)

Exposição de Anvers. Foi inaugurada pelo rei Leopoldo, no dia 4 do corrente esta exposição internacional, a que concorreu a Sociedade de Geographia de Lisboa, fazendo uma importante exposição de productos das colonias portuguezas. A impressão que a secção portugueza fez n'aquelle certamen foi extraordinaria. Podéra, depois das intrigas de Stanley e quejandos, seria para surprehender que Portugal estivesse habilitado a expôr se quer um côco creado nas suas colonias. Brevemente esperamos occupar-nos d'esta exposição que honra sobre modo o nosso paiz.

Graça Barreto. Falleceu, depois de um triste e penoso soffrimento este talentoso escriptor, que honrou a nossa folha com a sua collaboração e com cuja intimidade nos compraziamos. Em quanto não lhe prestamos a devida commemoração, receba a sua familia os nossos pezames sinceros.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do povo e das escolas, quarto anno, decima terceira serie, 1885, David Corazzi, editor, Administração: 40, rua da Atalaya, 52, Lisboa. Filial no Brazil: 38, rua da Quitanda, Rio de Janeiro. N.º 102, *Armaria* illustrada com 70 figuras. Muito pouco, ou quasi nada se tem escripto entre nós a respeito d'este assumpto, e comtudo pela leitura de muitos documentos se sabe quanto os soberanos portuguezes cuidaram em que houvesse armeiros em numero cabal para que não houvesse deficiencia de armas no paiz. Havia além d'isso armeiros biscainhos e de outras nações que vinham completar o quadro dos alfagemes nacionaes, e havia muito cuidado em que os *almazens* estivessem sempre bem providos de armas, e além d'esses depositos estabelecidos em diversos logares iam-se buscar armas por diversas partes, principalmente Biscaia e Flandres, para satisfazer ás necessidades das nossas conquistas. Os historiadores e escriptores, dão escassos esclarecimentos, e como por incidente das armaduras usadas, nenhum descreve uma completa, muitos documentos ainda ineditos poderiam esclarecer-nos, ao menos sobre nomenclatura, mas isso tarde será. É pois um bom serviço a publicação d'este opusculo, que deve ter muitas deficiencias quanto a Portugal, mas que já reune o pouco que se sabe da materia. Admiranos porém a preferencia da orthographia *lorega* em vez de *loriga*, quando rarissimamente se encontrará assim em documentos, tal não se encontra nos diccionarios e é opposta á origem latina *lorica*.

Bulletin de la Société franco-hispano-portugaise de Toulouse, tomo v, 1884, n.º 4. Contém os seguintes artigos: VII *Congresso nacional das sociedades francezas de geographia; Necrologia*, pelo sr. Clemente Sipière; *Relatorio dos trabalhos da sociedade no anno de 1884*, pelo sr. Hebrard; *Carlos V e os turcos ottomanos*, pelo sr. Duméril; *Duas novas sepulturas da epocha dos dolmens* descobertas na bacia do Garumna, cerca de Ramiers (Ariège) pelo sr. Marty; *O sello de Loja* e a sigellographia pintoresca, principalmente em Hespanha, pelo sr. Travers; *Congresso archeologico de França* (51.ª sessão celebrada no Ariège) relatorio apresentado á sociedade pelo sr. abbade Can-Dur-Can.

Apontamentos para a historia das collecções e dos estudos de zoologia em Portugal, por Ignacio de Vilhena Barbosa, etc., Lisboa, Typographia de Christovão Augusto Rodrigues, 60, rua de S. Paulo, 62, 1885. Folheto em 8.º francez de xxiv. O auctor dá logo explicação da sua tentativa nas primeiras sete linhas: «Se póde dar-se o titulo de *Historia das collecções e dos estudos de zoologia em Portugal* á simples relação de algumas pessoas que, em differentes epochas da monarchia, conservaram vivas em jaulas e bem tratadas algumas feras indigenas ou exoticas, ou tiveram pequenos museus de animaes empalhados, então deve-se datar o principio d'essa historia dos fins do seculo xiii. Tem razão o erudito auctor, e por isso faz uma pequena resenha do que os escriptores e outras memorias nos conservaram com relação e essas collecções. O auctor não achou noticias desde o fim do seculo xiii até o ultimo quartel do seculo xv; nós podemos dizer que no principio do seculo xv, e naturalmente depois da conquista de Ceuta, possuia e sustentava D. João I e depois seu filho e neto, alguns leões, o que desde o tempo dos romanos se não havia tornado a ver na Europa, sem que duvidemos de que já antes de D. João I cá existissem, etc.

O Capricho da Viscondessa, comedia em 1 acto, em verso por Julio Rocha, Typographia Universal, Lisboa, 1885. O auctor d'esta comedia é já favoravelmente conhecido das platéas dos theatros populares, onde o publico tem applaudido as suas producções theatraes. A representação do *Capricho da Viscondessa* no theatro de D. Maria, confirma os creditos do auctor tanto mais, quanto a platéa d'aquelle theatro recebeu com geral agrado a comedia do sr. Julio Rocha. A approvação do publico n'estes casos é superior a toda a critica que aqui fizessemos e mesmo porque uma obra theatral melhor se avalia vendo-a representar do que lendo-a, e nós não assistimos á representação. Entretanto a sua leitura agradou-nos, o que mais nos fez crer na justiça com que o publico applaudiu a comedia, que teve por principaes interpretes a actriz Virginia e o actor Augusto Rosa.

As Maravilhas do Mundo Invisivel por Wilfrid de Fonvielle, versão de Maximiano Lemos Junior, obra illustrada com 124 gravuras, Magalhães & Moniz, editores, Porto. Um volume de 340 paginas em 8.º É mais um volume da *Bibliotheca das Maravilhas* e deve-se consignar que não é dos menos interessantes e curiosos que esta bibliotheca tem publicado. Se o que facilmente podemos vêr nos disperta a curiosidade, quanto nos não deverá interessar o que só podemos vêr com o auxilio de lentes poderosas que nos deixem evidenciar o mundo invisivel que nos cerca por toda a parte. Um microscopio não é um instrumento que todos possam ter, e não obstante só por meio d'elle é que podemos devassar essas maravilhas da natureza que se occultam á nossa simples vista. Pois tem o leitor um meio de satisfazer a sua justa curiosidade sem entrar no dispendioso gasto de comprar um microscopio, é comprar um volume das *Maravilhas do Mundo Invisivel* e alli encontrará á farta com que saciar a sua curiosidade e illustrar o seu espirito, porque este livro satisfaz a uma e outra cousa, adquirindo noções scientificas que muito importa saber para bem conhecer o mundo em que vive.

Alexandre, *Biographias de homens celebres dos tempos antigos e modernos*, David Corazzi, editor, Lisboa. É o n.º 12 d'esta bibliotheca de pequenos livros, muito elegantes e muito baratos. Todos falam no grande Alexandre, rei de Macedonia, mas poucos conheceram a vida d'este heroe que conquistou o mundo inteiro, pois bem. Por 50 réis podem possuir um livrinho muito elegante e ficarem sabendo a historia do grande conquistador da antiguidade.

As Evoluções da Historia, por Littré, traducção de Carrilho Videira, Livraria Internacional, Lisboa. Vol. x da *Bibliotheca das Idéas Modernas*. Este pequeno volume resume uma apreciação geral sobre a historia universal, apontando os factos que mais tem influido na evolução ou transformação social.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.